

Revista GIZ

● 01/07/2014

Lei torna obrigatória exibição de filmes nacionais nas escolas

Curtas



● 30/05/2014

Arte e educação em pauta: como falar de coisas que não existem

Curtas



- Home
- Educação
- Trabalho
- Cultura
- Dossiês
- Curtas
- O que estou lendo...

Cultura

10/06/2014

Encontre na Giz

70 anos do Dia D

Elisa Marconi e Francisco Bicudo

Sob o céu azul da costa norte da França, num palanque decorado, os mais poderosos líderes mundiais celebravam garbosamente os 70 anos do chamado *Dia D*, a data que marca episódio fundamental da Segunda Guerra Mundial. Em seus discursos, Barack Obama, François Hollande, Angela Merkel, Vladimir Putin e David Cameron sorriam e lembravam o desembarque das tropas aliadas nas praias da Normandia, em 06 de junho de 1944, que garantiu a retomada de posições dominadas pelos nazistas, no front ocidental e, paulatinamente, o retorno da democracia e do equilíbrio na Europa.

Foi um feito e tanto, é inegável. Traduzindo em números, foram sete mil embarcações, tripuladas por mais de 195 mil homens; mais de mil aviões dos Estados Unidos e do Reino Unido, que lançaram mais de 5 mil toneladas de bombas, além de 19 mil paraquedistas. Nas praias ocupadas pelos norte-americanos, desembarcaram cerca de 70 mil soldados; nas praias tomadas pelos ingleses, outros 52 mil homens. O Canadá mandou pouco mais de 21 mil militares. No total, as forças Aliadas perderam 12.500 homens e mataram 6 mil alemães. Apesar da grandiosidade e da relevância do evento, no entanto, é preciso lembrar que o famoso Dia D não foi o principal responsável pela derrocada de Hitler e seu exército.

“Eu não quero minimizar o desembarque na costa normanda da França, mas assim como outros feitos históricos, eles são escritos pelos vencedores e muitas vezes são idealizados de tal forma que é preciso recuperar, a partir de uma série de documentos, uma história social que, às vezes, não é aquela heroizante e grandiloquente escrita pelos vencedores”. É assim que o historiador Rodrigo Medina Zagni, professor de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), começa a propor uma reflexão sobre aquele momento histórico. Segundo Zagni, dizer que a Segunda Guerra foi ganha ali é um exagero. O professor não está sozinho, compartilha da mesma opinião de pensadores como Eric Hobsbawm e Tony Judt, por exemplo, que afirmam que o regime nazista começou a ser de fato derrotado pelo exército vermelho soviético. Nesse sentido, reforça o historiador da Unifesp, o ano de 1943 foi especialmente importante, porque marcou justamente a

Estação Giz



Ouçá aqui as reportagens

Canal Giz



Veja aqui os vídeos

Sinpro sp

A Revista Giz é uma publicação do Sindicato dos Professores de São Paulo. Visite: www.sinprosp.org.br

EXPEDIENTE

reviravolta no front russo, onde o 6º Exército Alemão foi derrotado na sangrenta batalha de Stalingrado.

“É aí que começa o ponto de inflexão na Guerra”, afirma. “E esse ponto tem um ponto de origem ainda anterior, com a deflagração da Operação Azul, dos nazistas, que consistiu na segunda investida alemã contra o território soviético”, continua. É nesse contexto que acontecem as duas primeiras vitórias do país liderado por Josef Stálin no front oriental. E tudo isso foi importante, porque desde que as vitórias russas tinham começado, Stalin passa a pedir insistentemente aos Aliados a abertura de uma nova frente centro-europeia, porque Hitler estava desviando mais da metade de seus homens para a União Soviética. “E se não fosse a ação heroica do povo russo, não teríamos tido aquele momento de virada na Guerra”, termina de explicar o professor.

O desafio, para ele, é não tratar a Segunda Guerra Mundial apenas como uma luta de países Aliados contra o Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão. Depois que o exército alemão trai o Pacto de Não-Agressão (conhecido como Ribbentrop-Molotov), assinado entre Alemanha e União Soviética em agosto de 1939, e invade o território soviético, passam a existir ao menos três forças ideológicas e militares no conflito – aliados ocidentais, o Eixo e a União Soviética comunista – e não duas, como tradicionalmente se usa. A compreensão da disputa entre duas frentes antagônicas é mais fácil: bem versus o mal; democratas versus nazistas. No entanto, reforça Zagni, não é a melhor maneira de entender o que se dava naquela ocasião histórica. “É uma maneira simplista e não verdadeira, porque os aliados ocidentais eram inimigos ideologicamente dos soviéticos comunistas desde a década de 1920, ao menos”, avalia.

A aproximação dos Aliados e da URSS acontece de maneira frágil, só por causa da traição alemã, e por razões imediatas e pragmáticas (um inimigo comum). No entanto, reforça o historiador, os Aliados tinham como meta não só eliminar o nazi-fascismo, mas também impedir o avanço do socialismo para a Europa. Temiam, com razão, que a Alemanha vencida se tornasse socialista também, por força da União Soviética. “Se a gente reparar bem, a Guerra Fria tem seu berço na Segunda Guerra”, ensina.

Para Zagni, é sintomático que o desembarque tenha se dado justamente

no momento em que os Aliados perceberam que a estratégia de sangrar e levar à exaustão tanto os alemães quanto os soviéticos havia falhado. Então é pensada a invasão pela costa da França, não só para recuperar posições dos nazistas, mas também para evitar que essas posições passassem para o controle dos soviéticos. Só decidiram mesmo entrar na parada quando perceberam que a URSS avançava rapidamente (e perigosamente) pela Europa, com possibilidades reais de chegar até a França. O Dia D foi, portanto, uma maneira de conter os movimentos do exército vermelho na Europa Ocidental. Era a Guerra Fria já em curso. Por isso o historiador não receia em dizer que a Segunda Guerra Mundial não começa a ser ganha na Normandia. Ele insiste: a vitória dos Aliados começa antes, com as vitórias do Exército Vermelho. “Agora, é um momento chave, sem dúvida, porque marca a investida dos Aliados contra os nazistas e também contra os comunistas”.

A visão que o senso comum tem do Dia D, mostrado à exaustão pelo cinema hollywoodiano, possui, portanto, um quê de idealização, de luta do bem contra o mal. “A gente não pode deixar de perguntar que bem é esse. A Força Aérea dos Estados Unidos faz um bombardeio incendiário sobre Tóquio e mata mais de 100 mil japoneses. E bombardeia a cidade alemã de Dresden, onde não havia alvos militares. E ao fim da Guerra, lança as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki”, provoca o historiador, chamando à reflexão. A pergunta é por que então as manifestações de exaltação continuam com tanta força, mesmo tanto tempo depois e mesmo que a História tenha mostrado que a realidade é pouco diferente do que o cinema conta?

Para o professor Zagni, é preciso separar as coisas. De um lado, existe a produção do imaginário e a percepção das pessoas comuns sobre o desembarque na costa normanda. Do outro está a produção historiográfica, que reforça a ideia de que a Guerra não começou a ser vencida em 06 de junho de 1944, mas sim em 1942 e 1943, a partir das movimentações do Exército Vermelho e do povo russo que lutava para não ser transformado em escravo da grande Alemanha. O historiador defende, por exemplo, que a reorganização de fato da Europa depois do fim das batalhas não se deu a partir dos tratados de Yalta ou de Potsdam, por exemplo, mas sim a partir das posições que o Exército Vermelho ocupava, porque não seria desejável uma nova guerra entre Aliados e soviéticos. E que posições os nazistas haviam ocupado? Reservas

petrolíferas, minas de ferro, carvão e outros metais, e a indústria química, cuja produção é caríssima à indústria e à economia.

“Então veja que a Segunda Guerra não foi uma luta do bem contra o mal, mas uma expressão, na forma de conflito militar, de disputas que são sumamente econômicas”, propõe o professor da Unifesp. E segue lembrando que todo o processo de imperialismo do século 19, montado sobre o exoesqueleto do colonialismo, escreve a corrida concorrencial travada pelas grandes potências. “E quando esses componentes todos se encontram com o fenômeno do nacionalismo, desemboca a Primeira Guerra Mundial. Esse processo e seu desfecho são criadores, dão condições, para a Segunda Grande Guerra, que não só serviu para a disputa entre os países pela hegemonia mundial, mas também pela liderança na produção industrial”.

E, dessa forma, o pesquisador sugere que 70 anos depois, os professores e historiadores se debrucem sobre o Dia D não pelo viés cinematográfico e maniqueísta, mas a partir de uma perspectiva crítica. Primeiro, é preciso revisitar a produção historiográfica e não se ater à visão norte-americana ou britânica defendida a partir de marcos históricos e de heróis da liberdade e da democracia contra o fantasma do nazi-fascismo. “Claro que o nazismo foi nefasto e que demandava algum esforço para detê-lo, mas os poderes que se arvoram nesse combate também perpetraram atrocidades”, ensina Zagni. Ele conclui sugerindo que se aproximar da perspectiva crítica ajuda quebrar a tendência de buscar o bem e o mal, os heróis e os vencedores e coloca os atores em lugares mais complexos e, por isso mesmo, mais reveladores da condição humana que, por fim, é quem de fato constrói a história.

 **Tags:** *Dia D, Europa, História, Rodrigo Medina Zagni, segunda guerra*

Seguir @SINPROSP

About revistagiz

[View all posts by revistagiz](#)



Assinar

Subscribe to our e-mail newsletter to receive updates.



Postagens relacionadas

- Niemeyer: um outro parâmetro de civilização
- Chamego entre artes plásticas e literatura
- Bienal do Livro de 2014
- A mais triste Nação
- Previsão do tempo: pode faltar comida

Não há comentários ainda

Deixe uma resposta

Nome 

e-mail 

Site

Nome de usuário no
Twitter
Facebook
URL